

1^a Parte

Estudos

Instatâneos do Meu Mestre Filgueiras Lima

José Murilo Carvalho Martins

Poderia dizer, resumidamente, que minha convivência com Filgueiras Lima se fez em três períodos: como Diretor do Ginásio Lourenço Filho, como Secretário de Educação e Saúde do Estado e, finalmente, como companheiro do Rotary Clube de Fortaleza.

O primeiro período foi o mais prolongado de todos. Fui aluno do Instituto Lourenço Filho desde sua fundação, em 1938, até a época de minha formatura no ginásio, em 1944. Dirigido pelos doutores Paulo Sarasate e Filgueiras Lima, o novo educandário teve um crescimento rápido; ocupando em pouco tempo, um local de destaque no ensino primário e no ginásial da então pequena cidade de Fortaleza.

Professor Filgueiras Lima tinha baixa estatura, andava lento e compassado. Sério, não me lembro de tê-lo visto zangado e não precisava falar alto para manter a autoridade numa sala de aula. Diariamente ia ao colégio. Os alunos, usando seus instintos detetivescos, sabiam quando ele estava na casa, pois seus sapatos de borracha sempre deixavam as pegadas na areia fofa e molhada no pátio interno do Lourenço Filho.

Na década de 30, Fortaleza era uma cidade pequena cuja população não ultrapassava 200.000 habitantes. A Escola Normal e o Liceu do Ceará eram os grandes colégios públicos cujos professores tinham enorme prestígio no meio do magistério cearense. A grande vitória de Filgueiras Lima no concurso para a cadeira de Pedagogia da Escola Normal foi bastante comentada na época. Falando sobre o assunto, ele mostrou o desconhecimento da disciplina por inúmeras pessoas. Contou-nos que um desconhecido se aproximou e, após abraçá-lo pela vitória, indagou:

- Como é mesmo o nome da cadeira que você conquistou?
- Pedagogia.

- Pedagogia? Pedagogia? Mas, o que é mesmo isto aí?

Filgueiras Lima foi meu professor de Português nos dois últimos anos do ginásio. Despertou em mim o gosto pela literatura e, não tivesse eu uma firme convicção de ser médico, talvez hoje fosse professor de Letras na nossa Universidade. Nas suas aulas, tivemos as primeiras noções de correntes literárias e seus representantes, figuras de gramática, estilo, gêneros de narração, contos e versificação. Ele aproveitava as ocorrências do dia-a-dia como temas de suas aulas e as utilizava para tecer comentários sobre personalidades ilustres das letras do Brasil. Quando Clóvis Beviláqua faleceu em 1944, o mestre serviu-se da ocasião para falar do notável jurista cearense, organizador do projeto do Código Civil Brasileiro e da grande polêmica surgida com Rui Barbosa, que redundou na publicação de *A Réplica*. Rui Barbosa mostrou a existência de grande número de erros gramaticais no projeto, como o emprego de galicismos imperdoáveis, entre os quais a palavra detalhe que poderia ser substituída por mais de vinte sinônimos. A aula causou-me grande impressão e até hoje não consigo empregar aquela palavra embora já esteja incluída no Aurélio.

Filgueiras Lima, com frequência, utilizava-se da poesia para ilustrar suas aulas. Falando de cacófato citou, imediatamente, dois exemplos encontrados em sonetos célebres:

“Alma minha gentil que te partiste
Tão cedo desta vida descontente”, de Camões e

“Pois só quem ama pode Ter ouvidos
Capaz de ouvir e de entender estrelas”, de Bilac

Outra ocasião, veio à tona o significado de epitáfio. Imediatamente citou o do Quintino Cunha, escrito por ele mesmo:

“o Padre Eterno, segundo
Narra a Escritura Sagrada
Tirou o mundo do nada...
E eu nada tirei do mundo!”

Emílio de Menezes, sarcástico, escreveu também um epítáfio, porém de um político desonesto:

“Quando ele se viu sozinho
Da cova na escuridão
surrupiou de mansinho
os dourados do caixão”

Não sei qual o motivo, mas, certa feita, recitou, sem mencionar o nome do autor, um soneto cujo o primeiro quarteto dizia:

Eu não sei como foi. Eu sei que havia
Muitas rosas abrindo no caminho
Tu me pediste um pouco de alegria
E eu ti pedi um pouco de carinho.

Nós sabíamos que o soneto era dele, o estilo era inconfundível! No entanto, não hesitamos em perguntar:

- De quem é este verso, Dr. Filgueiras? É tão lindo!
- Este soneto, meninos, é meu.

Outro instantâneo que tenho daquela época... Ah! Convém lembrar que naqueles tempos “tirar um instantâneo” significava “tirar uma fotografia”. Como ia dizendo um instantâneo que guardo na memória refere-se à discussão gerada em torno do soneto *Mal Secreto* de Raimundo Correia. Ele nos fez ver que o mesmo tema foi abordado de modo diferente pelo Padre Antônio Tomás em *O Palhaço*. No final, mandou que cada aluno reescrevesse *O Palhaço* estimulando o desenvolvimento de suas aptidões para narrativa. Uns partiram para crônicas, outros para críticas e eu solucionei o problema escrevendo um conto. Era uma novidade para todos nós!

Sempre envolvido com o ensino, o Professor Filgueiras Lima foi, depois, Diretor do Instituto de Educação Justiniano de Serpa e Secretário de Educação e Saúde do Estado do Ceará. Nessa ocasião, tive oportunidade de ter uma conversa prolongada com meu mestre no decurso de um almoço no apartamento do meu tio Martins

d'Alvarez. Ainda estavam muito vivas as lembranças da Segunda Guerra Mundial: as fortalezas voadoras, os "blimps", o "black-out", as pirâmides de ferro para a vitória dos aliados, os americanos andando nas ruas de braços dados com as "coca colas". Dr. Filgueiras lembrou as campanhas antinazistas, as conferências ministradas nos vários colégios da cidade, entre eles o Lourenço Filho. Após o afundamento dos navios brasileiros na costa do Nordeste, aconteceu uma reunião cívica no Teatro José de Alencar onde foram feitos discursos inflamados mostrando as atrocidades do regime nazista e declamações de poemas em louvor dos combatentes como *A enfermeira de guerra do Brasil*, de sua autoria.

- Os ânimos estavam tão exaltados - disse ele - e revoltados com o regime ditatorial de Hitler, que saímos do teatro loucos para encontrar um alemão na esquina, pois iríamos combatê-lo com todo vigor.

Anos mais tarde, ao ingressar no Rotary Clube de Fortaleza, voltei a me encontrar com meu Mestre com certa freqüência. Custei muito a chamá-lo simplesmente de Filgueiras. Sendo o Rotary um clube de serviço e um corte transversal na sociedade com representantes líderes de todas as profissões, espera-se que prevaleça um espírito de camaradagem onde todos são tratados pelo primeiro nome. Em um papo informal, Filgueiras mostrou-se entusiasmado como uma consulta que fizera em um ex-aluno do Colégio Lourenço Filho, muito amigo dos livros, portador de problemas funcionais. Depois de uma breve explicação da causa dos seus distúrbios fisiológicos, ele ficou bom. Filgueiras alimentava uma afeição quase paternal pelo seu discípulo e notei que sentiu também uma espécie de orgulho pelo desempenho médico do seu antigo aluno.

Voltamos um dia a falar de poesia. Filgueiras ficou surpreso quando lhe disse que nos dias de minha juventude, principalmente naqueles passados no Lourenço Filho, conseguira decorar mais de trinta sonetos. Sua surpresa foi maior ainda quando comecei a declamar a tradução do soneto d'Arvers feita por ele:

Tenho na alma um segredo e na vida um mistério
Um grande e eterno amor n'um momento nascido

Sem esperança, oculto, é um mal sem refrigério
D'aquela que o inspirou nunca jamais sabido

Ai de mim! Ao seu lado irei, despercebido,
Junto dela, e sozinho, embevecido e etéreo
E chegarei ao fim do meu viver funério
Sem nada haver ousado e nada recebido.

E ela, a quem o Senhor fez de ternura cheia,
Irá em seu caminho inteiramente alheia
Ao murmúrio de amor que aos seus pés cantará.

E, fiel ao dever que austeramente zela,
Dirá, talvez, ao ler meus versos cheios dela:
"Que mulher será esta?" - e não compreenderá.

Filgueiras Lima faleceu no dia 26 de setembro de 1965. Após o grande impacto da notícia, compareci ao velório. Ao ver a lividez da morte estampada na sua face, tive a nítida impressão de que naquele momento se rompera um forte elo com meu passado.